



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

10

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 10 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-272-2
DOI 10.22533/at.ed.722201108

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O décimo volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as diferentes problemáticas educacionais.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns a Educação.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O AMBIENTE ALFABETIZADOR E AS FACETAS DE INSERÇÃO NO MUNDO DA ESCRITA NO I CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sarah Souza Marinho Maria das Graças Pereira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7222011081	
CAPÍTULO 2	11
OS HÁBITOS DE HIGIENE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Andressa Bernardo da Silva Daiany de Souza Ferreira Tanamachi Liciane da Silva Gomes Mansano Jaqueline Maria da Silva Vicente Aguilera Amanda Bastos Coelho Lopes Maria Jussara da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7222011082	
CAPÍTULO 3	24
ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA REDE MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO: IMPLANTAÇÃO DE AÇÕES PARA MELHORIA DA QUALIDADE	
Natália Moraes de Oliveira Andréa Cátia Leal Badaró Daniela Zanini Scarabotto Andréa Nesi Wessler Joelen Raiana Favaro Ries Aline Laiza Salvador	
DOI 10.22533/at.ed.7222011083	
CAPÍTULO 4	29
COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ FELICIANO FERREIRA E O CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Tracy Martina Marques Martins Jacqueline Rodrigues do Carmo Cavalcante Jéssica Ribeiro Magalhães Edismair Carvalho Garcia João Pedro Lourenço Mello Fábio Morato de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7222011084	
CAPÍTULO 5	35
AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: A ESCOLA NO OLHAR DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Silvia Fernanda de Souza Lordani Annecy Tojeiro Giordani Sidney Lopes Sanchez Júnior Danieli Ferreira Guedes Patrícia Ferreira Concato de Souza Ariane Aparecida de Oliveira Beatriz Haas Delamuta	
DOI 10.22533/at.ed.7222011085	

CAPÍTULO 6	48
OFICINAS DE JOGOS: O LÚDICO NO CONTEXTO ESCOLAR	
Cristian Rafael Andriolli Shiderlene Vieira de Almeida Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.7222011086	
CAPÍTULO 7	57
UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO SIMBÓLICA PARA SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS A PARTIR DOS SUPER-HERÓIS	
Isabela Gonçalves da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7222011087	
CAPÍTULO 8	69
AS PRÁTICAS CURRICULARES DEMOCRÁTICAS APRESENTADAS PELA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL DESEMBARGADOR AMORIM LIMA	
Virginia do Carmo Pabst Scholochuski	
DOI 10.22533/at.ed.7222011088	
CAPÍTULO 9	82
A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Flávia Assad Moreno Katiucy da Silva Paná Luana Neiva Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.7222011089	
CAPÍTULO 10	86
ARTESANATO EM CERÂMICA – ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO E RETOMADA CULTURAL (O CASO DOS PATAXÓ DE PORTO SEGURO - BAHIA)	
Paulo Roberto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.72220110810	
CAPÍTULO 11	101
CULTURA INDÍGENA NO PARANÁ NA PERSPECTIVA ATUAL: RELATO DE UM PROJETO DE ENSINO	
Thais de Sá Gomes Novaes Jennifer Guimarães Praxedes Camila Beatriz Teixeira Rosimeiri da Silva de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.72220110811	
CAPÍTULO 12	108
SIMILARIDADES E DIFERENÇAS NAS PINTURAS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICAS DE SÃO DESIDERIO-BA E SÃO RAIMUNDO NONATO- PI	
Felina Kelly Marques Bulhões Rafael Alves Porto Ana Paula Oliveira Maia Mayana Valentin Santana Weslane Silva Noronha Carla Gisele dos Santos Carvalho Taise Rodrigues de Souza Arlindo Matheus Santiago de Brito Valdete Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72220110812	

CAPÍTULO 13	114
A IDEOLOGIA CAPITALISTA NO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA	
Hemerson Moura	
Filipe de Sousa Carvalho	
José Luís da Silva Soares	
Ronaldo Dantas dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72220110813	
CAPÍTULO 14	129
POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A(S) INFÂNCIA(S) E A POSTURA INVESTIGATIVA DO(A) EDUCADOR(A) DAS INFÂNCIA(S)	
Patrícia Ferreira Moreira	
Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.72220110814	
CAPÍTULO 15	135
O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM EM VYGOTSKY	
Larissa Paula Montes Bichaco	
Tainara Monielle dos Santos Oliveira	
Juliana Telles Faria Suzuki	
DOI 10.22533/at.ed.72220110815	
CAPÍTULO 16	142
A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Grazielle dos Santos Souza	
Leonara Aline de Oliveira	
Juliana Telles Faria Suzuki	
DOI 10.22533/at.ed.72220110816	
CAPÍTULO 17	153
FOLIA DE REIS: UMA EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA COM A TRADIÇÃO CULTURAL DO NOROESTE FLUMINENSE	
Marizângela Faustino França	
Julio Cezar de Oliveira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.72220110817	
CAPÍTULO 18	167
PERCURSO EDUCATIVO: UMA INOVAÇÃO CURRICULAR NA EJA NO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	
Cristiani Castro do Lago	
Renata Rose Costa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72220110818	
CAPÍTULO 19	178
ALFABETIZAR BRINCANDO NÃO É BRINCADEIRA	
Daniela dos Santos Lima	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.72220110819	
CAPÍTULO 20	189
INFÂNCIA: UMA OBRA DE ARTE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO	
Valdo Barcelos	
Maria Aparecida Azzolin	
DOI 10.22533/at.ed.72220110820	

CAPÍTULO 21	208
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A MONITORIA NA DISCIPLINA DE DIREITO DAS OBRIGAÇÕES COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Isabella Martins Bueno	
Liliane Vieira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.72220110821	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

INFÂNCIA: UMA OBRA DE ARTE EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Data de aceite: 03/08/2020

Valdo Barcelos

Prof. TITULAR – UFSM; PhD em Antropofagia Cultural Brasileira; Pesq. Prod. 1 – CNPQ; Membro da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências - ALPAS - 21 - Cadeira Paulo Freire; Membro da Academia Santa Mariense de Letras-ASL - Cadeira Cyro Martins; Membro da Casa do Poeta de Santa Maria-CAPOSM; Consultor MEC/UNESCO - MEC/MMA - CYTED - INPA – MCT; Membro Anistia Internacional BRASIL (1972).

Maria Aparecida Azzolin

Doutora em Educação – UFSM; Mestra em Educação Unipampa; Pedagoga e Licenciada em História; Psicanalista (ABRAPSÍ); Professora na Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Vamos começar esse artigo com uma breve narrativa com a qual temos a intenção de situar nossa reflexão, bem como facilitar

nossa conversa¹ com os(as) leitores(as). A narrativa nos foi apresentada por uma colega professora e teve como cenário um curso de formação de professores (as) onde o tema do momento eram as emoções e as relações entre as crianças no ambiente escolar no ensino fundamental. De outra forma, adiantamos que esse artigo, sobre a criança, o aprender e o brincar terá como principal referência epistemológica às proposições filosóficas e científicas do pensador chileno Humberto Maturana². Vamos à narrativa da colega professora:

Em um dia “normal” de uma escola qualquer...início de ano letivo. Um fato, em especial, chama a atenção. Algo que é difícil de esquecer. Em uma escola três crianças do primeiro ano do ensino fundamental brincavam. Duas meninas se escondiam, riam...cantavam...lindo de ver.... Enquanto isso um menino sentado próximo apenas observava. Então me aproximei e perguntei por que ele não ia brincar com as

1. A expressão “conversa” tem que ver com o sentido que Humberto Maturana (2004) dá para a mesma. Segundo este autor, a existência humana acontece no processo relacional do *conversar*. Nosso ser biológico, como humanos, se constrói na imersão do ato de *conversar*. *Conversar* é, para Maturana, o entrelaçamento entre o racional e o emocional no processo da linguagem. Ou dizendo de outra forma: *Conversar*, como dar voltas com o outro para se entender.

2. Humberto Maturana Romesín, pensador latino americano de nacionalidade chilena. Nascido no ano de 1928. Estudou medicina na Universidade do Chile. Doutorou-se em biologia pela universidade de Harvard (EUA). Professor Titular da Faculdade de Ciências da Universidade do Chile. Professor na Universidade Metropolitana de Ciências da Educação no Chile. Professor no Instituto de Terapia Familiar de Santiago-Chile. Professor convidado de várias universidades mundiais. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Livre de Bruxelas. É reconhecido como um dos maiores pesquisadores atuais sobre a Biologia do conhecimento e sobre a Biologia do amor.

meninas. Ele me olhou e disse que não ia porque tinha ódio daquelas meninas e desejava que elas morressem. Confesso que fiquei, a princípio, sem reação. Mas respirei fundo e resolvi conversar com o menino. Preciso dizer que o que mais me chocou não foram às palavras ditas pelo menino, mas, sim, a expressão nos olhos e no corpo daquela criança. Não é natural uma criança de seis anos ter tal sentimento. Não parecia real. O contraste de duas crianças brincando leves e felizes em contraponto a outra criança com tantos sentimentos negativos me chocou profundamente...No meio do mesmo ano, outro fato foi marcante: a irmã do menino que disse sentir ódio das meninas que brincavam, não pode ir numa viagem de estudos para uma cidade vizinha, porque a viagem não era para a turma dela. Contou que em outra oportunidade teria uma viagem a qual ela poderia ir. Diante de tal fato, a menina, com onze anos comentou: “tomara que este ônibus vire”.

Várias reflexões podem ser feitas a partir desta narrativa. Vamos a algumas delas como forma de iniciar nossa conversa:

- como crianças, já na tenra idade, podem ter sentimentos e emoções tão fortes e destrutivas em relação ao outro?
- como a organização familiar, escolar e cultural pode influenciar no desenvolvimento afetivo das crianças?
- Como o *fluir do viver*³ das crianças influencia em seus aprendizados?
- Como o *fluir do viver* das crianças pode orientar suas ações e atitudes cotidianas frente ao outro (a)?
- Como os processos educativos escolares podem contribuir para a transformação dos Conhecimentos Gerados tomando como referência a Biologia do amor e a Biologia do conhecimento?

Buscaremos, neste artigo, entender as emoções e a importância do brincar na infância, a partir da Biologia do Amar e da Biologia do Conhecer⁴, duas das principais proposições filosóficas e epistemológicas do pensador Chileno Humberto Maturana, que serão apresentadas no decorrer deste artigo e que decorrem dos pressupostos da Biologia-cultural.

Para Maturana (2015, p.358) Biologia-cultural é um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano que surge apoiada nas proposições da Biologia do Amar e na Biologia do

3. Para Humberto Maturana é no viver/conviver humano no cotidiano e a partir das relações de aceitação do outro, sem exigências e expectativas, que se estabelecem relações sociais no respeito e aceitação mútua. Para o autor, só podem ser tomadas como relações sociais, aquelas orientadas pela emoção de aceitação mútua do outro. Relações que negam o outro, como a competição, não seriam, portanto, relações sociais, mas sim, relações antissociais. A esse conjunto de relações na cotidianidade que Maturana se refere quando aponta o *fluir do viver*. Para o autor, a única emoção que pode orientar o *fluir do viver* na aceitação, no respeito por si mesmo, no respeito ao outro, na honestidade, na vontade de coexistir e de conviver democraticamente, na ética social e no conversar reflexivo é a emoção do amor.

4. *Biologia do amor e Biologia do conhecimento* são denominações adotadas para um conjunto coerente de noções a respeito da cognição e da biologia humana. Nelas, a produção de conhecimento sobre o conhecer e o amar vai se constituindo a partir do entendimento que leva em consideração as dinâmicas e mecanismos que operam nos processos do viver/conviver humano. Assentam-se entrelaçadas em uma perspectiva sobre a fenomenologia biológica mais geral dos seres vivos, a qual é, em termos fundamentais, a mesma fenomenologia biológica que constitui o humano. Fenômenos consensualmente básicos no humano como o conhecer e o amar são tratados em termos dessa fenomenologia biológica que abstrai separando epistemologicamente os espaços fundamentais do viver dos seres vivos como o espaço da corporalidade na produção molecular e o espaço relacional, no qual o ser vivo se faz interagindo, no fazer e no sentir. (MATURANA, 2007; 2016; 2004). A partir do ano 2000, através de conversações com sua companheira de escrita Ximena Dávila passaram a usar o termo *Biologia do Amar e Biologia do Conhecer*, porque o verbo, dá a possibilidade de flexão, ampliando o olhar.

Conhecer (MATURANA, 1993; 1995; 1997; 2001; MATURANA; D'AVILA, 2009; 2013; 2019; MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004; 2019). Com ela, seus criadores(as), Humberto Maturana e Ximena Dávila (2015), estabelecem um modo de conhecer o viver humano que não se limita às possibilidades explicativas teóricas. Pois, através dela – Biologia-cultural - o que se abre para nós é o saber sobre as dinâmicas do viver operacional-relacional humano. Ou seja, uma relação que fortaleça os espaços de acolhimento, de aceitação, de respeito mútuo, enfim, um espaço de reconhecimento da legitimidade do outro no “*fluir do viver*” cotidiano, ou seja, no amor (MATURANA, 1998).

O amor aqui é tomado, na proposição de Maturana, como a emoção fundamental que caracteriza o humano desde sua formação na ancestralidade biológica pré-histórica. O amar é a ação no ânimo básico no qual surge o respeito por si mesmo e o respeito pelo outro na espontânea aceitação da presença de si mesmo e do outro. O amar consiste nas dinâmicas relacionais através das quais o outro, a outra, surge como legítimo outro na convivência, é o fundamento do respeito mútuo.

HUMBERTO MATURANA NO FLUIR DE SEU VIVER: UMA BREVÍSSIMA APRESENTAÇÃO

Se queremos perceber a emoção do outro, devemos olhar suas ações, se queremos conhecer as ações do outro, devemos mirar sua emoção. Estas miradas só são possíveis na medida em que não pré-julgamos o que vamos ver antes de mirar. Este é um ato de sabedoria. (MATURANA, 1997, p.41)

Humberto Maturana Romesín chileno nascido no dia 14 de setembro de 1928. Foi criado apenas pela mãe, fato que, segundo ele, não lhe causou nenhum problema, pois nunca lhe foi dito que era um problema. Cresceu e desenvolveu-se normalmente. Franzino, travesso, com poucos amigos, fugia da escola e ia para casa com o argumento que estava melhor em casa. Todo dia tinha que ser mandado de volta pela mãe. Com isso aprendeu a ler com nove anos de idade. Relata que aprendeu a ler movido pela emoção da inveja, porque via os benefícios que os outros tinham ao saber ler, então aprendeu este feito em uma semana. Com onze anos já tinha preocupações além de sua idade, interessando-se pela linguagem, sendo fascinado pelo fato da linguagem ser usada para bendizer ou maldizer algo, ou alguém. Certo dia, Humberto resolveu que não era mais Humberto e sim Sasha e que não mais usaria o sobrenome do pai Maturana e só usaria o Romesin, sobrenome da mãe. Assim foi. Quando alguém o chamava de Humberto ele simplesmente não respondia, nem mesmo aos professores. Aos 17 anos, mudou de nome mais uma vez, Talbalcaín, nome do filho de Caín. Decidiu por este nome após ler a história bíblica e achar que deus foi injusto com Caín. Ao entrar na Universidade teve que voltar a ser o Humberto Maturana, tornando-se um adulto com olhos de menino, cheios de vida e sabedoria.

Em 1948 ingressou no curso de Medicina, mas depois de três meses de aula, foi

hospitalizado porque estava com tuberculose. Ficou dois anos hospitalizado e novamente trocou o nome, “Queria por um nome que não tivesse nada a ver comigo, porque não era eu enfermo” (MATURANA, 2005, p.19), assim fez, tornou-se o Irigoitia. Depois deste tempo, ainda ficou mais um ano internado no sanatório de Putaendo, em repouso absoluto. Lá aproveitava o tempo lendo escondido e pensando, refletindo sobre a vida. Casou-se e teve dois filhos, separou-se e casou novamente. Tornou-se doutor em Biologia pela universidade de Harvard. Voltou ao Chile, tornando-se professor na Escola de Medicina. Conta que nunca foi considerado um professor tradicional, ou dentro dos padrões de normalidade. Suas aulas eram irreverentes e ousadas. Levava cobras nos bolsos para demonstrar que o deslocamento do animal dependia do terreno, passarinhos de papéis, ovos com ratos, ratos correndo pela sala, isso lhe resultou na fama de professor divertido. Paula Escobar, descreve Maturana como “canoso, rulento, de andar harmonioso y cuerpo menudo. Su mirada es algo inquieta. Viva. Comienza una frase, se silencia un momento, y de pronto le comienzan a brillar los ojos y cuenta algo increíble. Una historia mágica, que parece que recién hubiera inventado. Y sus manos se mueven, los ojos de niño miram desafiantes y sus palabras, precisas y moduladas, transportan a una realidad insólita.” (MATURANA, 2005, p.17)

Sua humildade e simplicidade são demonstradas quando fala de si mesmo: “Jamás he pensado ser um *pensador Latinoamericano*, como me definió un integrante del Instituto para el Desarrollo de la Democracia. Solamente he procurado hacer seriamente lo que he estado haciendo que es entender a los seres vivos y, a través del entendimiento de ellos, lograr entender a ser humano”. (MATURANA, 1994, p.9). Simplicidade em falar, em expor suas proposições, diz que não deseja convencer ninguém, apenas deseja continuar fazendo o que está fazendo, que é refletir sobre o fluir do viver.

O EMOCIONAR, A LINGUAGEM E A BIOLOGIA DO AMAR

La emoción se vive y no se expresa.

(MATURANA, 1997)

Humberto Maturana descreve a emoção como uma dinâmica corporal que se vive como um domínio de ações, ou seja: ou se está numa emoção ou não se está. As emoções são ações que fazemos. Elas são vividas e não expressadas. Se temos que prestar atenção, se temos que pensar se estamos ou não numa dada emoção é porque não estamos, realmente, na emoção. Como forma de explicitar o que estamos escrevendo vamos a um exemplo: se temos que demonstrar que estamos numa emoção é porque não estamos, efetivamente, vivendo esta emoção no fluir de nosso viver. Se estamos vivendo a emoção o outro perceberá isto imediatamente. Disto resulta que não se pode parecer ser o que não se é. Maturana é enfático e adverte que se precisamos explicar que estamos numa emoção estabelecemos uma dicotomia entre o viver e o parecer. Pois,

Si no soy de una cierta manera quiero parecerlo ante otro. La emoción se vive y no se expresa. El otro que me mira puede decir: “te veo triste”, y hace una apreciación sobre mi emociionar distinguendo el domínio de aciones en que me encuentro al hacer una distinción en el domínio del hacer...Confundimos, frecuentemente emociion con sentimento y en el processo negamos nuestra emociion buscando la expresiion de nuestro sentir (MATURANA, 1997, p.40).

É comum confundir emociion com sentimentos e, estes, correspondem às distinciões reflexivas ao observar nossas emociões. Ao mudarmos a emociion, mudamos a açãoo. Dessa forma, não existe ato racional que não tenha uma emociion que o preceda. Para ser diferente teríamos que ser um ser fragmentado e não o somos. Somos um ser único, não dual, as situaões não acontecem no cérebro ou na psique. Elas acontecem nas relaões com os outros, ou nas circunstâncias, mediadas pela linguagem. Maturana atribui um papel fundamental para a linguagem em nosso devir Biológico-cultural. Segundo o autor, a maneira como viviam nossos ancestrais⁵ era muito semelhante à nossa atual, só que sem a linguagem. Viviam em grupos pequenos, partilhavam alimentos e as condutas eram todas cooperativas. Viviam na troca de caricias e sua sexualidade já era frontal o que os colocava frente a frente nos momentos de sexualidade, de ternura e de intimidade. A sensualidade era recorrente, os machos participavam do cuidado das crias e isso tudo ocorria no domínio de “estreitas coordenaões comportamentais aprendidas que acontecem na incessante cooperaão de uma família extensa” (MATURANA, 2001, p.193). Para o autor, na evoluão dos hominídeos, diferentemente de outras formas e modelos explicativos clássicos, o desenvolvimento do cérebro que hoje temos tem a ver com a linguagem e não com a manipulaão de artefatos e instrumentos manuais, pois a mão já estava desenvolvida muito antes de aparecerem os instrumentos (MATURANA, 1998, p.2001). Nesse sentido, a linguagem não é a manipulaão de símbolos, nem se resume a comunicaão, pois “a linguagem está relacionada com coordenaões de açãoo, mas não com qualquer coordenaão de açãoo, apenas com coordenaão de ações consensuais”. Mais ainda, a linguagem é um “operar em coordenaões consensuais de coordenaões consensuais de ações”. (MATURANA, 1998, p.20). Daí conclui-se que tal tipo de operar em coordenaões consensuais de ações só poderia começar a ocorrer entre seres que têm encontros recorrentes na cooperaão, jamais na negaão do outro ou num ambiente de competiãoo.

É a partir da conservaão desses encontros na cooperaão que um modo de vida passa a ser conservado, passando, assim, a constituir uma linhagem de organismos, do mesmo modo que acontece a todos os seres vivos. No caso humano, a linhagem de primatas evoluiu em mudanças que se conservam através de várias geraões até o 5. Segundo Maturana a humanidade deve ter começado há cerca de três milhões de anos, originada de uma linhagem de primatas bípedes. Viviam no continente africano, mais provavelmente no hoje denominado Quênia. Estes precursores tinham a estatura de uma criança de hoje com cerca de oito anos. Viviam em pequenos grupos de não mais de 10 indivíduos. Eram caminhantes eretos e se alimentavam do que colhiam em seus deslocamentos: sementes, nozes, frutas, algumas raízes e, eventualmente, restos de outros animais deixados por predadores carnívoros. Os achados paleontológicos, destes nossos prováveis ancestrais, mostram que os mesmos não eram caçadores. Se, por ventura, em algum momento caçavam, isto se dava em relaão a animais muito pequenos.

nosso modo de vida atual, que surgiu “na intimidade da convivência, na sensualidade e no compartilhar” (MATURANA, 1998, p.22), num modo de vida que permite acontecerem as coordenações de coordenações consensuais de conduta. Assim, para haver as consensualidades de ações, que deram origem à linguagem, teria que haver um modo de vida recorrente na cooperação, e não na competição, pelo simples fato de que seres que competem, vivem na negação um do outro, e não abrem espaço para a aceitação mútua. Sem aceitação mútua, e recorrente, não haveria espaço para coordenações consensuais e, assim, não haveria condições para o surgimento da linguagem. Portanto, a linguagem ocorre no fluir do viver, ou seja, no entrelaçamento dessas duas dimensões: a biologia e a cultura, ou, como denomina Maturana, na Biologia-cultural⁶.

A linguagem, portanto, é um fenômeno que surge no entrelaçamento do emocionar e do agir, onde o emocionar e o agir modulam-se no decorrer de coordenações de coordenações consensuais de ações. Ao obter esta explicação sobre a linguagem, Maturana conclui que ela não surge como produto da apreensão que fez ou faz algum indivíduo sobre algo do mundo externo. Ao contrário, para ele, a linguagem surge como um fenômeno que acontece nas relações entre os indivíduos. Ao mesmo tempo, entende que o surgimento da linguagem permite o aparecimento do mental e da autoconsciência humana como fenômeno inédito, até onde sabemos. Também, com isso, constata que a consciência e o mental pertencem ao domínio do acoplamento social e linguístico (MATURANA; VARELA, 2001, p. 257). Não admite, portanto, a existência de um domínio metafísico, ou mesmo que a linguagem surja de algum fenômeno transcendente ao nosso viver. A linguagem acontece na biologia da nossa corporeidade e das nossas relações. Sendo a linguagem pertencente ao domínio das relações, ela não acontece no corpo nem no sistema nervoso. Ela ocorre, conforme Maturana (1997), no espaço de coordenações de coordenações consensuais de conduta que se constitui no fluir dos seus encontros corporais recorrentes. Nenhuma conduta, nenhum gesto ou postura corporal, particular, constitui por si só um elemento da linguagem, mas é parte dela na medida em que pertence a um fluir de coordenações consensuais de conduta. Ou seja: a linguagem, como a entendemos, decorre de um conjunto complexo e interativo de várias condutas numa certa relação. Uma relação que só pode ter sido de cooperação e de aceitação mútua e jamais de negação.

Como um fenômeno que ocorre no domínio das relações, a linguagem não é um instrumento, não é feita de símbolos, nem de valores lógicos nem de significados independentes da ação em coordenações consensuais. Assim, as palavras somente

6. Biologia-cultural é um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano que surge apoiada nas proposições da Biologia do Amar e na Biologia do Conhecer. Com ela seus criadores, Humberto Maturana e Ximena Dávila, estabelecem um modo de conhecer o viver humano que não se limita às possibilidades teóricas. Pois, através dela o que se abre para nós é o saber sobre as dinâmicas do viver operacional-relacional humano. O desenrolar do viver dos seres vivos em torno da autoprodução molecular em modulação recíproca com o seu fazer no viver, constitui-se como um saber primário para nos reconhecermos como seres humanos viventes em um espaço ao mesmo tempo biológico e cultural, por isso biológico-cultural.

são palavras se forem elementos consensuais no fluir recursivo das coordenações consensuais. E podem acontecer como gestos, posturas corporais, sons, ou condutas que vemos, distinguimos e as quais, atribuímos significados como observadores. É com essa compreensão que, para Maturana, o psíquico, o mental, o espiritual, são formas que o ser vivo tem de viver sua dinâmica relacional, não estão em nossa corporeidade, embora a afete. Vivemos de acordo com a cultura na qual estamos inseridos. Assim,

Nossa identidade humana é tanto constituída quanto conservada numa dinâmica sistêmica definida pela rede de conversações da cultura que vivemos. Portanto, podemos ser “*Homo sapiens sapiens*, *Homo sapiens amans*, *Homo sapiens aggressans* ou *Homo sapiens arrogans*, de acordo com a cultura que vivemos e conservamos em nosso viver, mas ao mesmo tempo podemos deixar de ser seres humanos de um tipo ou de outro ao mudarmos de cultura, dependendo da configuração de emoções que dá à cultura que vivemos seu caráter particular” (MATURANA 2014, p. 196).

Continuando nessa direção, Maturana vai além e reafirma a importância da emoção do amor em nossa constituição como seres da Biologia-cultural, pois, para ele, a emoção que estrutura a coexistência social é a emoção do amar, ou seja, “o domínio das ações que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência. E nós, humanos, nos tornamos seres sociais desde nossa primeira infância, na intimidade da coexistência social com nossas mães”. (MATURANA, 2004, p.45). No entanto, para entendermos as emoções do outro, precisamos observar suas ações. Essa observação deve ser livre de pré-julgamentos e pré-conceitos. Como humanos, existimos no entrelaçamento de emoção e razão, ou seja: todo o sistema racional tem um fundamento emocional, pois, as relações humanas dão-se por meio da emoção e não dá razão. Para pensarmos numa transformação social, precisamos mudar a cultura em que vivemos, e isso só é possível quando mudamos a emoção nas redes de conversações que estabelecemos no fluir de nosso viver. Quando falamos em biologia, estamos falando de um domínio de observação, de explicação e de reflexão sobre o viver dos seres vivos. A biologia do amar se refere ao entendimento de que o amor é a emoção que fundamenta o social, pois, segundo Maturana:

O amor é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humano ou não. A biologia do amor é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano individual. Na condição de seres racionais linguajeantes, somos animais pertencentes a uma história evolutiva centrada na conservação de um modo de viver na biologia do amor. Esta tornou possível a origem da linguagem, que ainda hoje nos caracteriza. (MATURANA 2004, p.134).

Apartir desse entendimento conclui-se que somos seres dependentes fisiologicamente do amor. Quando esse nos é negado adoecemos. Nosso sistema fisiológico funciona em harmonia e quando esta harmonia se rompe, padecemos. Segundo Maturana, “A negação do amor rompe esta congruência e dá origem a alterações fisiológicas que possibilitam processos como alterações na dinâmica motora, endócrina, imunológica, neural ou do tecido em geral” (2005). O autor vai além e adverte para o fato de que, resultamos do

presente de uma longa história de evoluções de coexistências de relações consensuais na qual,

Surgiu o conversar como resultado da intimidade do viver hominídeo em aceitação mútua. A rigor, somos filhos do amor, e a biologia de nossas corporeidades, assim como a de nosso desenvolvimento infantil, pertence à biologia do amor. Além do mais tudo isso ocorre de modo tão fundamental que o crescimento normal de uma criança humana requer a biologia da mútua aceitação em interações corporais íntimas com a mãe. E a maioria de nossas doenças e sofrimentos surge de alguma interferência em nosso operar na biologia do amor. (MATURANA 2004, p.135).

Na sociedade patriarcal⁷, a qual pertencemos, vivemos priorizando a racionalidade. Vivemos o fluir do viver numa luta constante entre bem e mal. Vivemos a partir da desconfiança e isso descaracteriza nosso ser social. Se essas relações não forem pautadas pelo amor, não são relações sociais. Corroborando com isso, Maturana e Sima Nisis (2002) afirmam que, a Biologia do Amor é o nosso fundamento humano. Somos seres do amor e é a falta dessa emoção - o amor – que nos leva ao adoecimento, isso, em qualquer idade de nossas vidas. Advertem: “O amor é o primeiro remédio para qualquer enfermidade... não vemos isto porque entendemos a dinâmica biológica e confundimos o que sucede com um ser vivo em seu viver com o que parece suceder nele a partir do que vemos em sua relação”. (MATURANA; REZEPKA, 2002, p.39).

A criança necessita crescer no amor, para aprender a amar. Precisa crescer na aceitação de sua legitimidade, para aprender a se aceitar e aceitar o outro. Precisa crescer no respeito por si, para aprender a respeitar o outro. Caso isso não ocorra, se ela crescer em meio a conflitos, sentimentos de ódio – como a narrativa com a qual iniciamos esse texto - ela aprenderá a odiar, a desejar que os outros morram, que sejam infelizes. Aprenderá a competir, a buscar seus objetivos, nem que para isso tenha que descaracterizar, ou “pisar” - termo popularmente utilizado - no outro. O outro deixa de ser um ser legítimo, deixando, assim, de ser visto e de ser respeitado.

7. A cultura patriarcal-matriarcal, segundo Maturana, é um modo de vida que se originou fora da Europa. É um viver cultural mantido por grupos humanos vindos da Ásia. Grupos Indo-europeus chamados de Kurgans. Grupos pastores/cavaleiros/guerreiros. Viviam em torno do controle, da dominação, do uso da violência e do guerrear, desde as fases mais remotas da história. Desse modo de viver histórico surge a desconfiança. Desse desconfiar, nas condições ambientais materiais para sobreviver, passa-se a viver uma desconfiança que passa culturalmente às outras gerações. Nessa desconfiança e medo começa uma mudança cultural, com fazeres guiados no medo mórbido e na desconfiança reiteradamente mantida. Esses modos de viver são incorporados pelos humanos que passam a guiar o seu viver fora da confiança básica de seres vivos, num viver cultural que nega a biologia do amar. Esse viver patriarcal/matriarcal até hoje se manifesta com nosso fazer/sentir. Vivemos em torno do controle, da apropriação, da competição, da dominação. Entretanto, nesse contexto de relações vividas no patriarcado/matriarcado surgiram os desejos em torno da Democracia e da cidadania. Pois, embora o patriarcado/matriarcado seja central na nossa vida adulta de hoje, nascemos e crescemos, na ternura e calor materno durante os primeiros anos de vida. Essa maneira de viver na ternura e no amar, ainda se mantém dentro do patriarcado que vivemos como um viver cultural que conserva nossa biologia do amar. Os nossos desejos de adultos por um conviver democrático afloram em nós com sinceridade na medida em que aprendemos sobre a biologia do amar nesse conviver sem exigências, vivido de modo que aprendemos a sentir-nos vistos/escutados/respeitados. Está nesse conviver a origem dos nossos sentimentos sinceros em torno da Democracia como modos de viver/conviver a equanimidade para fazer a equidade nas comunidades humanas. Para ler mais ver: *Habitar Humano*. Humberto Maturana & Ximena Dávila. Palas Athena, 2009. MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, *Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano*. Palas Athena, 2004.

A CRIANÇA E O BRINCAR: UMA EDUCAÇÃO PARA O PRESENTE

El aprendizaje es un proceso inconsciente de transformación en la convivencia e incluso el aprendizaje que llamamos consciente. Lo que podemos describir no son las dimensiones de nuestra transformación en la convivencia, sino solo el operar consciente que resulta de esa transformación. (MATURANA; DÁVILA, 2007).

Como seres humanos, nos construímos a partir das relações que acontecem por meio do conversar. Como uma decorrência disso, a história individual de todo ser humano é uma *epigênese* que se faz no viver/conviver humano. Para Maturana, “toda história individual humana é a transformação de uma estrutura inicial homínídea fundadora, de maneira contingente com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço humano” (MATURANA, 1999, p.28). Aprendemos com os outros, na interação, no contato, no toque, no olhar. Assim, para se educar é necessário criar um espaço de convivência com a criança, onde professor e aluno se aceitem mutuamente, percebendo a legitimidade do outro, ambos se transformando na convivência. Dessa forma a criança aprenderá não como algo externo, mas como um modo de ser no viver: aprende-se amar, amando; aprende-se a odiar, odiando; aprende-se a ser agressivo, sendo tratado com agressividade e assim por diante. Ou seja: aprendemos fazendo. Aprendemos vivendo o que vivemos.

Na infância aprendemos a amar, vivendo as ações que constituem o outro como um outro legítimo, ou seja: aprendemos a partir do convívio com a mãe, ou com as outras pessoas que convivem, na total aceitação. A criança aprende no contato com os outros seres das suas relações, pois, a aprendizagem é algo que acontece o tempo todo, de maneira contínua e recíproca, “ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem” (MATURANA, 1999, p.29).

Na escola, é comum ouvirmos professores (as) falando da falta de limites e que as crianças não obedecem mais, etc. Isso acontece porque as crianças são forçadas a fazerem o que não querem fazer. São levadas a ficarem quietas, paradas, fazendo atividades repetitivas que não despertam o seu interesse, que não as motivam a construir sua aprendizagem. Aliado a isso, é comum à criança ser corrigida no seu ser e não em seu fazer, onde são chamadas de lentas, tolas, preguiçosas. O que deveria acontecer é exatamente o contrário. O que deveria ser corrigido - se isso for realmente necessário - é o fazer da criança, mostrando a forma correta, com muito afeto, tranquilidade e carinho. Outra questão fundamental, nessa forma de entender a educação, é que as dificuldades de aprendizagem que a criança por ventura demonstre, não decorrem de uma incapacidade, de uma deficiência intelectual. Para Maturana, essas dificuldades são uma decorrência da falta do amor como a principal emoção da convivência. Como isso pode ser resolvido? Restituindo para a criança o espaço da emoção de amar.

A aprendizagem é um fator interno, por isso o que acontece a um indivíduo está determinado nele, por isso às interpretações do que ouvimos, do que vemos, do que aprendemos, depende de nós e não do outro. Somos responsáveis pelo que falamos, e não pelo o que o outro escuta e compreende. Dessa forma, o (a) educando(a) só aprende se quiser, se estiver na mesma emoção do professor. A aprendizagem não é externa. Dessa forma, o professor pode fazer malabarismos, mas se o aluno não estiver na mesma emoção, não estiver desejando aprender, ele não vai aprender. “O aprender é um fenômeno de transformação estrutural na convivência” (MATURANA, 2005, p. 239), e é esta convivência que determina se o aluno aprende e se transforma, ou apenas faz de conta para tirar uma boa nota e esquece tudo após algumas horas.

De outra forma, há que entender que os ambientes educativos – entre eles a escola - não devem ter como objetivo maior, formar crianças para serem úteis à sociedade, mas, sim, devem buscar o crescer das crianças integradas à comunidade na qual acontece o fluir de seu viver. Nesse sentido, na educação não cabe buscar ensinar valores, pois, valores não se ensinam, devem-se proporcionar espaços para vivê-los em harmonia e na aceitação mútua do outro. A cooperação não pode ser ensinada, precisa ser vivida na aceitação mútua e no respeito por si e pelo outro. Não devemos educar para a obediência. Cabe salientar que a obediência é um ato de autonegação, porque se constitui quando fazemos algo, sem querer fazer. Em contrapartida, quando fazemos o que o outro pede de forma espontânea, querendo fazer, não existe autonegação, nem obediência, existe colaboração. O saber é um instrumento do fazer, é necessário e útil. O que acontece é que quem não sabe, acaba conferindo o poder a quem sabe. Dessa forma, para que a educação seja um processo transformador, precisamos viver numa inspiração democrática desde a Educação Infantil, onde as crianças aprendam desde cedo sua responsabilidade social.

O espaço educacional de convivência na biologia do amor precisa ser vivido na amorosidade e no encanto do ver, ouvir, sentir, cheirar, tocar e refletir. Crianças e seus mestres devem se encontrar numa conduta sem preconceitos e sem exigências além daquelas decorrentes da ação na convivência do espaço escolar amoroso. Deve-se dar prioridade para emoções que ampliem a capacidade de inteligência das crianças, tais como: cooperação, aceitação, solidariedade, acolhimento, respeito mútuo, liberdade e responsabilidade. De outra forma, se devem evitar emoções que restrinjam a inteligência, tais como: a inveja, a competição, a ambição. Estas emoções acabam restringindo a capacidade criativa e a espontaneidade das crianças. Para Humberto Maturana, só o amor amplia a inteligência.

Os diferentes ritmos de aprendizagem dos(as) educandos(as) devem ser levados em conta e respeitados no processo educativo. O tempo necessário, segundo as especificidades de cada estudante, precisa ser respeitado e aceito de forma natural. Ou seja: não devem ser tomadas como faltas, como deficiências, mas, sim, como insuficiências

momentâneas no fazer do estudante. Assim sendo, podem ser corrigidas na medida em que o educar vai acontecendo na aceitação mútua (biologia do amar) e no autorrespeito. A principal preocupação da educação não deve estar orientada para os resultados do ato educativo no futuro, mas, sim, deve estar voltada para os fazeres da criança no momento de seu fazer: o presente. É a forma de viver o presente, na aceitação mútua que definirá o que acontecerá no futuro.

Para Maturana, a criança, como um ser biológico e cultural, aprende a ser e a conviver com o mundo ao seu redor, principalmente, por meio da interação materno-infantil. Para Maturana e Verden-Zöllner (2004) as “consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com a mãe, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar” (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.124). Maturana afirma que “o ser humano que um humano chega a ser vai se constituindo ao longo da vida humana que ele vive”, o adulto hoje é o resultado do entrelaçamento das histórias, atos e condutas que viveu desde sua infância. Uma criança que viveu na negação, que não teve uma relação corporal íntima com sua mãe ou pai terá dificuldades para um desenvolvimento social bem integrado.

É no processo de viver/conviver com os outros, desde o momento do nascimento, que aprendemos a ser o que somos. Essa interação dá-se a partir do convívio com os adultos por meio do conversar. Dessa forma, para Maturana “não se ensina às crianças o espaço psíquico de sua cultura – elas se formam neste espaço” (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.23). O autor é enfático ao afirmar que uma cultura⁸ não é algo que se possa ensinar. Mas, então, como se aprende uma cultura? Segundo Maturana, a única maneira disto acontecer é vivendo-se essa cultura. Para Maturana (1999), a mãe não ensina para seus filhos e filhas a sua cultura. Contudo, a criança, no estar junto vive a cultura de sua mãe e, assim, aprende o modo de fazer e de se emocionar de sua mãe. Por exemplo: as crianças crescem e vão aprendendo o que podem e o que não podem fazer; o que podem e o que não podem perguntar; o que é certo e o que é errado; quando podem fazer algo e quando não podem; que ações podem ser praticadas e em que lugares e momentos tais e quais ações podem ser praticadas.

É a partir dessa forma de perceber que se pode afirmar que as crianças serão adultas muito parecidas com os adultos com os quais elas convivem. Assim percebemos que uma

8 Conforme proposto por Maturana, começa a aparecer uma cultura quando permanecem através das gerações certos modos relacionais de viver/conviver. Os humanos vivemos/ convivemos na linguagem e no conversar. Com o termo cultura passa-se a conotar certo modo de *conversar*, o qual passa a se fixar transgeracionalmente em *redes de conversações*. Uma cultura se especifica através de um certo conjunto de modos de conversar. Nesses modos de conversar se mantêm certos modos condutuais. Estes como condutas relacionais e sentires relacionais íntimos que permanecem, e com eles se configura a cultura. Nesta perspectiva, fala-se em cultura, biologia e em Biologia-cultural, pois, os humanos na linguagem, durante e enquanto vivos, vivemos no conversar. Através dessa noção de cultura, vê-se que vivemos, em múltiplas culturas. Como indivíduos humanos, participamos e, desde nosso fazer, conservamos o viver/conviver em múltiplas *redes de conversações*. Conversamos, e, no *conversar*, mantemos certos modos de *conversar*, entre pessoas no conviver. Pode-se ver, assim, que as *culturas*, acontecem na medida em que são conservados certos modos de *conversar*, e com esses modos de *conversar* surgem *redes de conversações*. Como se os indivíduos fossem nódulos dessas redes.

criança que aos seis anos sente ódio, e, sua irmã com onze, por inveja, deseja que seus amigos morram, aprenderam a sentir e a viver dessa forma, convivendo em um meio onde o ódio, a disputa, a inveja são emoções comuns. Ou seja: são essas as emoções que, mais intensa e cotidianamente, fazem parte do *fluir de seu viver*.

Construímos nossa identidade, nosso Eu, a partir das conversações realizadas desde a mais tenra infância com outros “eus” que convivemos; aprendemos a respeitar o outro e a se respeitar, se vivermos na mútua aceitação e na percepção da legitimidade do outro. Corroborando com essa proposição Maturana diz que o “cerne do humano é a convivência no respeito por si mesmo e pelo outro, que nasce da autoaceitação” (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.142). Se acaso não existir esse encontro entre mãe e filho na total aceitação, por meio da corporeidade e da sensualidade, ou seja, através do toque, do olhar, da canção, do acalanto, a criança não desenvolve, como deveria, a autoconsciência e consciência da legitimidade dos outros.

Com muita frequência nos deparamos nas escolas com crianças com dificuldades de aprendizagem, ou de relacionamento. Esse é o caso da criança citado no início deste artigo, e percebemos que em algum momento do desenvolvimento infantil essas crianças viveram na negação; no conflito; não foram legitimadas, como ser único, não foram respeitadas e acolhidas. Nas palavras de Maturana: “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.20). É tendo essa compreensão como orientação epistemológica que, para Maturana (2000), o papel da educação e da escola, é criar espaços de aprendizagem que facilitem e incentivem o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica. Será assim que poderão adquirir e/ou desenvolver a noção de responsabilidade para agirem de modo cooperativo, solidário e com liberdade na comunidade a que pertencem.

Maturana (1994) apresenta dois fatos importantes para exemplificar essa sua afirmação. O autor faz referência a uma importante pesquisa feita na Inglaterra logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Alguns pesquisadores e pesquisadoras acompanharam várias crianças pequenas que, em função dos constantes bombardeios feitos pela força aérea alemã sobre a cidade de Londres, eram levadas pelos pais de um local para outro para se protegerem das bombas. Posteriormente, essas crianças apresentaram imensas dificuldades em desenvolver muitas de suas habilidades normais para qualquer criança que não tenha sido privada do acolhimento e do cuidado amoroso da maternidade. Quando citamos a maternidade estamos nos referindo ao cuidado, à atenção amorosa e acolhedora que tanto pai quanto mãe podem dispensar à criança. A falta, a privação desse cuidado fundamental causa danos difíceis de reparar no desenvolvimento afetivo de qualquer criança. Segundo o autor, alguns momentos são decisivos, cruciais para o

desenvolvimento de qualquer criança, tanto que, “Quando ocorre uma privação materna, esse bebê se transforma em uma criança incapaz de estabelecer relações de confiança. Se torna incapaz de relacionar-se com o outro”. (MATURANA, 1994, p.31).

Também é bastante conhecido o exemplo das imensas consequências negativas, para o desenvolvimento das crianças pequenas, decorrente da privação do acolhimento materno, como é o caso das crianças que por vários motivos acabam sendo criadas longe de suas mães em orfanatos ou casas de acolhimento. Essas crianças acabam, em grande parte das vezes, apresentando serias dificuldades de relacionamento com as outras crianças e mesmo dificuldades de adaptação nos lares para onde são encaminhadas por ocasião de adoções. Com o acompanhamento dessas crianças, os (as) pesquisadores (as) tem percebido que elas precisam de uma atenção especial e de acolhimento redobradas para irem aos poucos readquirindo a confiança nos adultos que as acolheram. As histórias e relatos dessas situações são abundantes na literatura e servem como mais uma fonte de informações para o entendimento e reflexão sobre as graves consequências da privação do cuidado e da atenção materna na tenra infância.

Nós como animais, mamíferos e da espécie humana que somos, interagimos na infância por meio do brincar, e, este brincar, é um operar no presente, sem intencionalidade, totalmente despreocupado. Quando observamos crianças brincando, percebemos que é um momento de total entrega e espontaneidade. Dessa forma, quando colocamos metas e fins na brincadeira, deixamos de viver o presente e passamos a viver num futuro que não nos pertence, focamos nas consequências e, assim, não estamos mais lá, no presente. Maturana é enfático sobre a maneira como entende o brincar e sua importância para a criança, para ele, “Brincar é atentar para o presente...Brinca-se quando se está atento ao que se faz no momento em que se faz...Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz”. (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.230). O fantástico, e ao mesmo tempo simples, é que qualquer criança sabe disso. Quando uma criança brinca, por exemplo, de enfermeira, assume que é enfermeira; quando brinca de professor é professor; quando brinca de correr na floresta, ela inventa essa floresta e coloca nela tudo o que ela imagina que esta floresta deva ter e assim por diante; quando brinca de escola, de estudar, imagina e busca realizar tudo aquilo que acredita e que gostaria que tivesse e acontecesse na escola.

A criança não apenas cria as fantasias, mas, sim, passa a viver nelas o tempo que achar necessário e quantas vezes, isto lhe der prazer. Se observarmos, com atenção, perceberemos que as crianças têm uma conduta bastante comum que é, por exemplo, assistir várias vezes um mesmo filme infantil, ler ou pedir que leiam para ela inúmeras vezes a mesma história. Por outro lado, não raro as crianças abandonam logo um brinquedo que recentemente ganharam. Ora, as crianças só continuam brincando com o brinquedo enquanto ele lhe dá prazer, enquanto sentem desafio, enfim, enquanto estão desfrutando do brincar. O mesmo fenômeno acontece com a contação de histórias repetidas ou dos

filmes várias vezes assistido. Elas – as crianças - fazem isto porque estão desfrutando com alegria, com prazer das histórias narradas e/ou assistidas. Tão logo esse prazer deixe de existir elas se desinteressam. As crianças nos ensinam algo que sempre soubemos, mas que parece que vamos “esquecendo” à medida que vamos ficando adultos: que brincar é desfrutar do que faz, no momento em que faz: o momento presente.

ISSO É BRINCAR.

Importante ressaltar que em educação vivemos algo semelhante ao brincar. Com muita frequência nos reportamos à educação como algo para o futuro ou para um “futuro melhor” para as crianças. Segundo o que propõe Maturana, a necessidade de pensar a “educação do futuro”, como muitos, apressada e demagogicamente apregoam, é uma impossibilidade, pois o que existe em nosso viver é o presente. Passado e futuro, são, na concepção de Educação defendida por Maturana, modos de estar no presente que cada um de nós vive. Ou seja: o único futuro no qual podemos interferir é o que acontece no presente. Cabe, então, perguntar: que tarefa estaria reservada para a educação a partir dessa proposição?

Nessa perspectiva, o que cabe a educação é criar um espaço de relações no qual as crianças - educandos e educandas - possam viver, possam gozar o presente sem exigências e expectativas futuras. Um presente em que as crianças cresçam como seres humanos em que se pode confiar porque respeitam a si mesmos e que sejam capazes de verem-se como seres co-criadores junto com os demais participantes de seus relacionamentos. Quaisquer que sejam esses relacionamentos, desde que baseados no respeito por si próprio, pelo outro, no acolhimento, na aceitação mútua, na liberdade, na responsabilidade e no amar ao outro como um outro legítimo em seu viver. Para Maturana, toda criança quando nasce é uma possibilidade, um embrião de consciência e de reflexão sobre si. “É só ao longo do período de maturação de sua primeira infância que ela constitui espontaneamente – por meio das brincadeiras naturais com sua mãe e outros adultos e crianças – a maneira de viver na linguagem. Esta constitui a consciência humana como uma distinção da consciência do próprio corpo, no contexto da diferenciação de outras corporeidades similares”. (2004, p.168).

A criança se desenvolve na relação materno-infantil, na total interação e aceitação mútua, onde as brincadeiras devem ser não intencionais, mas, sim, espontâneas e livres. No entanto, em nossa cultura, onde o tempo é escasso e existe a competição, muitas vezes as brincadeiras são utilizadas com metas e objetivos. Dessa forma deixam de serem brincadeiras. Quando estamos com os filhos, apenas com o corpo, e a cabeça nos afazeres do trabalho, nos compromissos financeiros, nas preocupações com outros familiares, não estamos na verdade ali. Deixamos, com isso, de construir junto com a

criança sua identidade. A criança sente e percebe, assim como nós adultos percebemos quando estamos com alguém e esse alguém está longe, nós cobramos a presença. A criança não sabe fazer isso e acaba aprendendo a não viver o presente e estar no passado, ou no futuro.

Ao crescer vão acontecendo mudanças nas relações das crianças, mudando o emocional e essas acontecem no momento que passam de um viver no acolhimento e afeto materno-infantil para a vida competitiva do mundo adulto, ou seja: a criança vive desde seu nascimento imerso em uma cultura matríztica⁹, onde há cooperação e confiança, valorização do toque, do acolhimento, das emoções, não havendo disputas, competições e hierarquias. Já ao ingressar na vida adulta é levada a viver numa cultura patriarcal, incentivada a competir, a negar as emoções. O adulto a incentiva a ficar voltada totalmente para a apropriação e dominação, gerando um conflito e muitas vezes causando o adoecimento. Vivemos numa sociedade onde a cultura patriarcal vigora, a competição e o culto pela aparência acontecem desde muito cedo na vida dos seres humanos. Não raro se percebe, nas rodas de conversas entre mães, que cada qual deseja que seu filho seja o melhor, que aprenda a usar a fala antes dos outros, que caminhe mais cedo, que vá para a escola e aprenda a ler antes dos outros. Dessa forma a criança aprende a competir, a buscar ser o melhor, negando o outro, deixando de crescer na aceitação de si e do outro, fundamental para à vida individual e social consciente e bem integrada. Ao contrário desse modo de viver/conviver, para crescermos e nos desenvolvermos em plenitude, precisamos viver no amor, ou seja, na aceitação legítima. Dessa forma teremos saúde espiritual e fisiológica, na completa harmonia com nossa Biologia-cultural.

Nossa corporeidade sofre mudanças permanentes e constantes a partir do nosso modo de viver/conviver. Por outro lado, nossa corporeidade muda nosso modo de viver, fazendo deste processo algo dinâmico. A criança em fase de crescimento se transforma segundo o seu viver, mas sua corporeidade se transforma conforme a criança cresce e conforme a vida que tem, segundo Verden-Zölller,

A criança não é concebida em sua completude. Torna-se humana quando constrói o domínio espaço-temporal de existência humana, como uma maneira fácil e confortável de viver, em quanto desenvolve sua consciência corporal ao crescer em totalidade recíproca aceitação corporal envolvidas nas relações de brincadeiras espontâneas com seus pais” (VERDEN-ZÖLLER *in* MATURANA, 2004, p.198).

9. As origens da cultura Matríztica se apoia em estudos antropológicos e arqueológicos. Isto se deve ao fato de estarmos vivendo hoje uma época muito distante no tempo daquela que deu origem a uma cultura de orientação Matríztica. Alguns estudos arqueológicos feitos na região dos Balcans (velha Europa, cerca de 7.000 anos atrás) mostraram um modo de vida que não deixou marcas de competição, de hierarquias, de dominação, de guerras. Mostram uma vida em cooperação. Um fluir do viver onde a competição e a negação do outro não se faziam presentes, pois, não eram necessárias. Não foram encontradas fortificações para a defesa de inimigos. Esses inimigos não existiam, pois, os outros povos também viviam sem a emoção da guerra, da dominação, da competição. As investigações arqueológicas realizadas nas sepulturas não registraram marcas de artefatos de guerra, nem de separação entre masculino e feminino, nem sinais de apropriação de objetos. Frente a estes achados o que se pode inferir é que existia um modo de conviver na cooperação, na aceitação mútua do outro, no partilhamento de tudo o que existia. Vivia-se numa coletividade em perfeita comunhão, em harmonia sem o sentimento da propriedade e, portanto, sem a emoção da competição com o outro. (MATURANA, 2005, 2009, 2016)

A partir dessa compreensão entendemos que se brinca na total entrega, no momento presente, na total aceitação do outro. Brincar é toque, é respiração, é coração batendo, é cantar, é dançar, sorrir, fantasiar, viver o momento intensamente.

Assim poderíamos resumir essa forma de ver a infância e o brincar: (1) o brincar se constitui numa atividade realizada no presente e com a atenção voltada, exclusivamente, para ela própria e nunca para suas consequências futuras; (2) perdemos nossa consciência corporal individual e mesmo social na mesma proporção em que deixamos de brincar. Transformamos nosso viver numa sucessão de justificações sobre o que fazemos, ou sobre o que não fazemos. Este processo acaba nos tornando seres insensíveis e alheios ao nosso viver cotidiano e insensíveis e alheios ao viver do outro; (3) o brincar e o amar não foram conquistas especiais de nossos ancestrais. Foram parte integrante de seu modo de vida de primata pré-humano. O peculiar em relação a eles é que foi a conservação desta conduta no amar e no brincar que acabou por definir a linhagem da qual nos originamos como humanos. Somos o resultado de um devir que seguiu um caminho demarcado pela conservação do amar e da brincadeira como partes fundamentais do viver adulto pré-humano ancestral, que tornou viável o surgimento da linguagem que nos caracteriza e (4) amar e brincar são modos de viver/conviver. Não são conceitos ou categorias científicas. Nem estão nos livros e textos sobre brincar e amar. Brincar e amar se realizam nas relações que estabelecemos com as crianças, com os jovens e com os adultos no *fluir de nosso viver cotidiano*.

UMA CONVERSA QUE NÃO FINALIZA O ASSUNTO...

Escutamos, frequentemente, falar em transformação social, em busca de uma sociedade mais humana, igualitária e justa. Contudo, para que isso ocorra de fato, precisamos mudar nosso emocionar. Para conseguirmos uma harmonia no viver, precisamos conviver no amor, ou seja, na aceitação do outro e de si mesmo. Nas palavras de Humberto Maturana:

A vida humana não pode ser vivida em harmonia e dignidade se estas contradições emocionais não se dissolverem. Acreditamos que para isso acontecer é necessário recuperar o amor e a brincadeira como guias fundamentais em todas as dimensões da coexistência humana. Ao mesmo tempo, é preciso que tenhamos a audácia de viver seriamente a responsabilidade de seres humanos que querem gerar, no dia-a-dia, um mundo humano em harmonia com a natureza a que pertencem. Devemos atrever-nos a abandonar o emocionar patriarcal que nos configura como seres que vivem imersos no emocionar da apropriação, valorização da procriação e do crescimento desmedido, controle, busca de segurança, autoridade, obediência e desvalorização das emoções e da sexualidade” (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.256)

Qualquer que seja o espaço psíquico que tenhamos vivido, sempre poderemos mudá-lo, por meio da reflexão que fazemos no presente. Somos seres com uma estrutura que muda a cada instante a partir das relações e interações que temos com o meio,

mudamos junto com o meio em perfeita sincronia. Não existe uma realidade independente de nós mesmos, somos seres com um sistema determinado em nossa estrutura Biológica-cultural, portanto, nada acontece fora de nós, tudo o que acontece conosco depende, única e exclusivamente de nós. As reações que temos, as emoções que nos fazem tomar as atitudes que tomamos, são de nossa exclusiva responsabilidade. São internas. Os fatores externos nos atingem se deixarmos. Ao percebermos isso, damos-nos conta que não adianta falarmos, abstratamente, em governo, em sociedade como algo genérico, exterior a nós. Para mudarmos, precisamos mudar a nós mesmos, mudar nossas ações, nossas emoções e começarmos a construir algo a partir do presente, do aqui e agora no meio que estamos inseridos. O humano vive no conversar, que é o entrelaçamento entre a linguagem e a emoção. Quando mudamos o nosso conversar, mudamos o nosso emocionar e vice-versa. Isso forma as redes de conversações que constitui a cultura. Então, ao mudarmos nossas redes de conversações, podemos mudar nossa cultura patriarcal, voltada para a dominação, hierarquia, competição, para uma sociedade neomatrística, voltada para a cooperação e para o amor. É o curso do nosso emocionar que determina o curso de nossas ações. Maturana acrescenta:

No fim das contas, ao percebermos que assim é, os mundos em que vivermos serão de nossa total responsabilidade. A compreensão como modo de olhar contextual, que acolhe todas as dimensões da rede de relações e interações na qual ocorre o que se compreende, abre-nos a possibilidade de perceber nossas emoções quando o que entendemos é a nossa própria vida. Portanto, abre-nos também a possibilidade de sermos responsáveis por nossas ações. Por fim, se ao perceber nossa responsabilidade nos dermos conta de nossa percepção e agirmos de acordo com ela, seremos livres e nossas ações surgirão na responsabilidade” (MATURANA; VERDEN ZÖLLER, 2004, p.111)

Todo fazer humano se dá no emocionar. A história da humanidade tem a ver com o fluir das emoções, dos desejos e não com recursos materiais ou fatores econômicos, ou tecnológicos. São nossos desejos que fazem o que chamamos de recursos ou fatores econômicos, algo que queremos ter ou usar (MATURANA, 2005). Nós somos seres humanos pelo modo de viver/conviver e esse modo de viver/conviver se constitui na linguagem. Não há realidade independente do ser humano que somos. Somos responsáveis pelo mundo que vivemos. “Cada vez que começa a se conservar – geração após geração – uma nova configuração do emocionar de uma família, o qual é espontaneamente aprendido pelas crianças pelo simples fato de viver nela, surge uma nova cultura” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.14).

Essa nova cultura - onde as crianças sejam percebidas como seres legítimos, capazes, com desejos, anseios, vontades, onde possam crescer livremente sem serem tolhidas, violentadas tanto física, como psicologicamente - precisa ser uma cultura, na qual as crianças sejam a centralidade das atenções. Ao contrário do que vivemos na sociedade de orientação patriarcal, atual, não são as crianças que devem estar à disposição dos adultos – pai, mãe ou responsáveis – mas, sim, são os pais que devemos

estar à disposição das crianças.

Nessa maneira de ver a relação com as crianças pequenas, inverte-se a lógica relacional da sociedade patriarcal, na qual, as crianças é que precisam se adaptar aos desejos e aos modos de viver dos adultos. Numa sociedade onde as crianças sejam o centro das atenções, os adultos é que precisam estar à disposição para atender aos chamados que as crianças lhes dirigem. Essa seria uma sociedade organizada levando em conta, sempre, as necessidades das crianças pequenas e não o contrário: uma sociedade organizada para atender as exigências e expectativas dos adultos. A essa forma de viver/conviver com as crianças, Gutmann (2018) denomina de uma sociedade Niñocêntrica.

Com essa forma de nos relacionarmos com as crianças, estaremos atendendo ao que elas, desde seu nascimento nos solicitam: serem acolhidas e amadas. E isso é algo que acontece na mais perfeita naturalidade do ser da criança.

De qualquer criança. De todas as crianças!

Mas pode-se perguntar: até quando os adultos devem estar à disposição das crianças? Laura Gutmann responde: “Simplesmente até o momento em que elas - as crianças – sintam-se confortáveis”. (GUTMANN, 2018, p.10).

Sonhamos com escolas onde as crianças, desde a Educação Infantil, aprendam a viver/conviver democraticamente. Se aceitando e aceitando o outro, onde a razão seja percebida como algo intrínseco ao emocionar. Uma escola em que o brincar seja espontâneo e que cada criança aprenda a amar, amando a si mesmo e ao outro. Uma escola onde as palavras sejam usadas apenas para acariciar e não para ferir os outros seres humanos....Assim poderemos ter esperança de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

GUTMAN, Laura. **Una Sociedad Niñocêntrica – como uma criança amorosa puede salvar La humanidad**. Buenos Aires. SUDAMÉRICA, 2018.

MATURANA, H.; PÖRKSEN, B. **Del Ser al Hacer**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2004.

MATURANA. H. DÁVILA, X. **El arbol del vivir**. Chile: MVP editores, 2016.

MATURANA. H. **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2005.

MATURANA. H. DÁVILA, X. **Habitar Humano: Em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG.1999 .

MATURANA, H. **Gestão de Pessoas em Organizações Culturais**. Entrevista. Revista Observatório Itaú Cultural - N. 26 (dez. 2019 / jun. 2020) – São Paulo, Itaú Cultural.

MATURANA, H.; MAGRO, Cristina (org); PAREDES, Victor (org). **Cognição, Ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014.

MATURANA, H; **La objetividad: Un argumento para obligar**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2011.

MATURANA, H; VERDEN-ZÖLLER. **Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2004b.

MATURANA, H; **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2005.

MATURANA, H; **La democracia es una obra de arte**. Colômbia: Cooperativa Editorial Magisterio, 1994.

MATURANA, H; VARELA, F.G. **De máquinas e seres vivos: autopoiesis – a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H; VARELA, F.G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

SCHLICHTING, Homero. BARCELOS, Valdo. **Humberto Maturana. Amar ...verbo educativo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 75, 147, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 218

Ambiente Alfabetizador 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Aprendizagem 2, 5, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 21, 22, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 95, 101, 103, 104, 106, 107, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 144, 145, 147, 151, 153, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 171, 174, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 186, 187, 197, 198, 200, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 216

Artesanato 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 97, 98

Avaliação institucional 35, 36, 37, 39, 46, 47

B

Boas práticas de manipulação 24, 25

Brincadeiras 44, 131, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 202, 203

C

Crianças 6, 7, 12, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 31, 57, 61, 62, 67, 71, 84, 92, 106, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 140, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 164, 169, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

Cultura 2, 5, 7, 38, 46, 57, 65, 68, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 118, 120, 122, 125, 127, 137, 138, 141, 154, 155, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 179, 180, 181, 183, 186, 194, 195, 196, 199, 202, 203, 205, 213, 218

Currículo 31, 39, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 102, 107, 131, 152, 155, 161, 162, 163, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177

D

Dificuldade de Aprendizagem 48

Direito Civil 208, 210, 212

E

Educação 1, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 22, 23, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 47, 57, 58, 59, 63, 66, 70, 71, 72, 78, 81, 84, 86, 88, 94, 95, 96, 97, 102, 107, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 152,

153, 154, 157, 160, 161, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 180, 186, 187, 188, 197, 198, 199, 200, 202, 216

Educação Básica 9, 23, 30, 31, 35, 47, 71, 81, 114, 115, 116, 119, 122, 125, 129, 130, 134, 155, 160, 161, 188, 189, 218

Educação de Jovens e Adultos 167, 170, 171, 172, 176

Educação Infantil 28, 59, 60, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 152, 186, 198, 206

Educação Profissional e Tecnológica 153, 155

Ensino 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 84, 85, 86, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 114, 116, 119, 123, 136, 144, 145, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 183, 186, 189, 208, 209, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Ensino Fundamental 1, 3, 4, 6, 8, 11, 15, 17, 21, 22, 35, 37, 39, 59, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 114, 116, 153, 155, 159, 161, 162, 163, 169, 174, 178, 179, 180, 183, 189

Escola 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 56, 61, 62, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 85, 103, 107, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 135, 142, 147, 152, 153, 161, 162, 166, 171, 173, 175, 176, 179, 180, 181, 183, 186, 188, 189, 191, 192, 197, 198, 200, 201, 203, 206, 211, 216

Estudantes 4, 7, 13, 18, 21, 22, 33, 38, 50, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 103, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 154, 155, 171, 172, 174, 183, 208, 209, 211, 215

F

Facetas da alfabetização 1, 8

Folia de reis 153, 155, 157, 164

Fotografia 82, 83, 84, 85, 175

G

Gestão escolar 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47

Gramsci 115, 119, 120, 122, 123, 125, 127

H

Hábitos de Higiene 11, 12, 13, 14, 15, 23

História 5, 9, 60, 67, 75, 79, 82, 84, 85, 102, 103, 107, 108, 109, 136, 137, 139, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 157, 165, 169, 170, 171, 173, 175, 189, 191, 195, 196, 197, 201, 205

I

Identidade 38, 41, 47, 57, 59, 60, 62, 63, 65, 66, 68, 72, 81, 82, 83, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97,

98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 113, 125, 154, 155, 157, 167, 174, 175, 195, 200, 203

Ideologia Capitalista 114, 115, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126

Inclusão 48, 49, 55, 84, 86, 95, 97, 144, 188, 213

Indígena 79, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

J

Jogo 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 61, 144, 188

L

Letramento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 218

Literatura Infantil 142, 143, 144, 145, 147, 148, 151, 152

Ludicidade 11, 12, 14, 15, 22, 48, 56, 83, 84, 178, 180, 186, 188, 218

M

Mediação Simbólica 135, 137

Merenda 24, 25

Microrganismo 24

Monitoria 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

O

Objeto de aprendizagem 153, 155, 159, 160, 161, 163, 164, 165

Obrigações 208, 210, 212, 216, 217

Organização do Trabalho Pedagógico 142, 148, 149

P

Pinturas rupestres 83, 108, 109, 111

Práticas democráticas 69, 71, 72, 79, 80

Q

Qualidade 24, 25, 26, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 46, 47, 70, 74, 88, 91, 94, 95, 119, 187, 209

R

Recurso pedagógico 56, 83, 84, 85, 165

Relações Interpessoais 11, 12, 15, 22, 95

S

São Desidério 112

Socioeducação 167, 170, 171, 174, 176

Super-Heróis 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 68

T

Tecnologia 10, 11, 14, 15, 22, 47, 86, 87, 94, 95, 97, 114, 116, 153, 156, 159, 163, 218

U

Universidade 1, 7, 10, 11, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 48, 50, 56, 73, 80, 82, 84, 86, 101, 104, 108, 114, 129, 135, 136, 137, 142, 165, 166, 167, 178, 179, 189, 191, 192, 208, 209, 211, 213, 217, 218

V

Vygotsky 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Z

Zona de desenvolvimento Proximal 135, 136, 139, 140, 141

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

10

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020